
**X ENCONTRO
BRASILEIRO**

PALÁCIOS, MUSEUS-CASAS E CASAS HISTÓRICAS

**MUSEUS,
IDENTIDADES,
TERRITÓRIOS**

O tema do X Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas, “Museus, identidades, territórios”, propõe uma reflexão sobre as relações que os museus-casas podem estabelecer com a sociedade e com o seu entorno, considerando a casa transformada em museu como espaço detentor de memória sociocultural.

As casas históricas enquanto representantes da sociedade de uma época, ou de gerações, compartilham o legado material e simbólico de grupos humanos e, assim, dos territórios onde estão localizados.

A representação dos modos e costumes dos antigos moradores e os programas interpretativos desses museus proporcionam diálogos identitários com a comunidade local e mesmo com visitantes de outras localidades, uma vez que a casa, simbolicamente, pode ser vista como um elo com a memória sentimental das pessoas.

Dentro do tema, as comunicações têm como foco os seguintes eixos de reflexão:

1. “De casa a museu: caminhos da transformação”: propõe discutir questões conceituais e procedimentos intrínsecos ao processo de abertura ou requalificação de um museu-casa histórica.

2. “A visita como experiência”: sugere a discussão sobre os programas interpretativos dos museus-casas históricas, especialmente as formas e estratégias para promover uma vivência aos visitantes.

3. “Memórias e heranças culturais no museu-casa histórica”: propõe um diálogo entre esses espaços e os costumes e tradições locais. Os métodos construtivos das edificações, os objetos do cotidiano e os rituais domésticos dizem muito sobre a memória do lugar, sobre a trajetória e o histórico das sociedades, de seus ancestrais e o legado que deixaram.

Este ano, o evento integra a programação da 10ª Primavera de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. O tema “Museus, memórias e economia da cultura” será abordado na conferência de encerramento, com o intuito de refletir sobre a sustentabilidade dos museus-casas históricas e os desafios que essas instituições encontram para preservar suas memórias e seu patrimônio cultural no contexto contemporâneo.

**PROGRAMA
FUNDAÇÃO
EMA KLABIN**

**19
setembro
2016**

Rua Portugal, 43 – Jardim Europa

13h00 | Recepção e entrega de material

13h30 | Visita à Fundação Ema Klabin

14h00 | Abertura

Ibram | Instituto Brasileiro de Museus

Icom-BR | Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus

DemHist-Icom | Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas do Conselho Internacional de Museus

UPPM | Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura

14h15 | Painel 1 | De casa a museu: caminhos da transformação

Coordenador: Paulo de Freitas Costa | Fundação Ema Klabin, São Paulo/SP

Aparecida Rangel | Museu Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro/RJ

Ronaldo Bianchi | Bianchi & Associados, São Paulo/SP

Sonia Helena Guarita do Amaral | Casa de Vidro – Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo/SP

16h15 | Depoimentos de experiências locais

Alice Registro Fonseca | Casa da Memória Italiana, Ribeirão Preto/SP

Eliana Torres Ferreira Leite | Fazenda São Francisco, São José do Barreiro/SP

Silvia Czapski | Casa de Alice Brill, Itu/SP

16h30 | Intervalo

16h45 | “Ema visita Eva Klabin” | visita por videoconferência à Fundação Eva Klabin

17h15 | Conferência “Museus, identidades, territórios”

Celso Lafer | Professor emérito da Universidade de São Paulo,
São Paulo/SP

PROGRAMA
CASA GUILHERME
DE ALMEIDA

20
setembro
2016

Rua Macapá, 187 - Perdizes
Rua Cardoso de Almeida, 1943 - Perdizes (anexo)

13h00 | Visita à Casa Guilherme de Almeida

14h00 | Painel 2 | A visita como experiência

Coordenador: Marcelo Tápia | Casa Guilherme de Almeida,
São Paulo/SP

Angelica Fabbri | Museu Casa de Portinari, Brodowski/SP
Jurema Seckler | Museu Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro/RJ
Margot Monteiro | Palacete Estácio Coimbra - Museu do Estado de
Pernambuco, Recife/PE

16h00 | Depoimento de experiência local

Kristina Michahelles | Casa Stefan Zweig, Petrópolis/RJ

16h10 | Intervalo

**16h30 | Visita por videoconferência ao Museu Casa de
Benjamin Constant**

PROGRAMA
PALÁCIO DOS
BANDEIRANTES

21
setembro
2016

Avenida Morumbi, 4500 (Portão 2) – Morumbi

13h00 | Visita ao Palácio dos Bandeirantes

**14h00 | Painel 3 | Memórias e heranças culturais no
museu-casa histórica**

Coordenador: Ana Cristina Carvalho | Acervo Artístico-Cultural dos
Palácios do Governo do Estado de São Paulo, São Paulo/SP

Davidson Panis Kaseker | Sistema Estadual de Museus de São Paulo –
Sisem-SP, São Paulo/SP

João B. M. Pacheco Neto | Chácara do Rosário e RuralTur, Itu/SP

Magaly Cabral | Museu da República, Rio de Janeiro/RJ

15h30 | Depoimento de experiência local

Maurício Vicente Ferreira Jr. | Museu Imperial, Petrópolis/RJ

16h00 | Conferência “Museus, memórias e economia da cultura”

Lidia Goldenstein | Sócia-diretora da LGoldenstein Consultoria e diretora
da Fundação Bienal, São Paulo/SP

16h50 | Encerramento

MINICURRÍCULOS DOS PALESTRANTES E RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES

19
setembro
Fundação
Ema Klabin

Paulo de Freitas Costa

Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP e mestre em História da Arte pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP. Desde 1997, coordena os trabalhos de catalogação, conservação, pesquisa e difusão da Fundação Ema Klabin, aberta ao público em 2007, quando publicou “Sinfonia de objetos”, um estudo aprofundado sobre o colecionismo de arte e a formação da coleção. Atualmente, desenvolve novos projetos de atividades e publicações para a fundação, como a exposição “A casa da Rua Portugal”, realizada em 2014.

Museu expandido

Desde a virada do século, os museus têm ampliado o conceito de patrimônio cultural e a sua missão em relação ao seu território e à sua comunidade, partes integrantes de uma paisagem cultural. Essas mudanças de paradigma têm resultado em ações inovadoras, visando ao acolhimento das novas gerações e à criação de experiências inéditas e novas abordagens.

Nessa perspectiva, a Fundação Ema Klabin tem buscado ir além da preservação e difusão da casa, coleção e memória de sua fundadora, desenvolvendo novas ações que exploram o conceito de “museu expandido”, um museu que vai além de seus limites físicos e busca preservar e divulgar o patrimônio da paisagem cultural na qual está inserido.

Neste encontro, discorreremos sobre as ações inéditas realizadas em 2016, que incluem o fechamento da Rua Portugal durante a Semana de Museus e o programa “Ema visita...”, realizado em parceria com a Fundação Eva Klabin.

Aparecida Rangel

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, mestra em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Desde 2002, é museóloga do Museu Casa de Rui Barbosa, da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB.

Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado

A transformação de uma casa em museu deve ser pensada para além de um mero ato jurídico, uma vez que perpassam por essa ação aspectos sociais, simbólicos e políticos.

A residência do jurista Rui Barbosa se insere nessa premissa ao servir como cenário para a criação do primeiro museu-casa público brasileiro.

O objetivo da pesquisa a ser apresentada foi compreender o processo de (re)significação que permeou a alteração de um ambiente privado em espaço público, a partir de um processo de musealização da vida do personagem Rui Barbosa.

Ronaldo Bianchi

Formado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas – FGV, mestre em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, MBA Executivo Internacional pela Fundação Instituto de Administração da Universidade de São Paulo – FIA-USP e Conselheiro Certificado pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa – IBGC. Foi

diretor executivo da OS Pensarte (2012-2013); vice-presidente de Gestão da TV Cultura (2010-2012); secretário adjunto de Estado da Cultura em São Paulo (2007-2010); vice-presidente do Itaú Cultural (2001-2006); superintendente geral do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP (1998-2006); gerente administrativo do Memorial da América Latina (1997-1998); diretor da metalúrgica Metalbianchi (1977-1997); e diretor da Bianchi Editores (1985-1989). Foi presidente da Comissão de Organizações Sociais da Secretaria de Estado da Cultura em São Paulo; membro do Comitê Gestor de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan e da Comissão de Análise de Projetos Culturais da Secretaria Municipal de São Paulo. Foi também conselheiro do Serviço Social da Indústria – Sesi-SP; da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE; da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A. – Emplasa; do Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT; do Conselho Estadual da Cultura de São Paulo; e da Organização Social de Cultura SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura. Atualmente, é diretor da Bianchi & Associados; diretor executivo do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; conselheiro do Conselho Superior de Infraestrutura da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – Coinfra-Fiesp e da revista “Interesse Nacional”; e docente de Políticas Públicas no curso de pós-graduação Gerente de Cidade da Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP.

Ambiente econômico, terceiro setor e gestão pública de cultura

A comunicação apresenta um panorama das exigências legais e dos princípios da administração aplicáveis ao estabelecimento de organizações do terceiro setor reconhecidas pelo Código Civil brasileiro, especialmente no âmbito da gestão pública da cultura. Da estrutura organizacional ao planejamento estratégico das instituições, a apresentação contribui para as reflexões sobre os processos de abertura e requalificação de equipamentos culturais, em particular dos museus-casas históricas, protagonistas deste evento.

Sonia Helena Guarita do Amaral

Museóloga pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP e mestra em Museus e Educação pela New York University – NYU. Foi membro da diretoria executiva e coordenadora da América Latina do Comitê Internacional para Educação e Ação Cultural do Conselho Internacional de Museus – Ceca-Icom; vice-presidente do Comitê Regional para a América Latina e Caribe do Conselho Internacional de Museus – Icom-LAC; e membro do Conselho do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM-SP. Atualmente, é presidente do Conselho de Administração do Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.

Diferentes aplicações do arquivo documental

Esta apresentação tem como objetivo debater a importância do arquivo documental para além da pesquisa histórica, mostrando as possibilidades de exploração desse patrimônio como suporte para ações relevantes que aproximem cada vez mais o público desse legado e também como fonte de recursos.

Alice Registro Fonseca

Mestra e graduada em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Arte-educadora e pesquisadora em projetos culturais e educativos. Trabalhou nos educativos do Museu da Cana – Instituto Cultural Engenho Central (Pontal/SP), do Museu Universitário de Arte – MUnA e do Museu do Índio (Uberlândia/MG). Atualmente, é gestora executiva da Casa da Memória Italiana (Ribeirão Preto/SP) e professora no curso de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda (Ribeirão Preto/SP).

Caminhos interpretativos para implementação do Museu Casa da Memória Italiana

Em setembro de 2014, o imóvel localizado na Rua Tibiriçá, n.º 776, no centro da cidade de Ribeirão Preto, foi doado pela família italiana Biagi

ao Instituto Casa da Memória Italiana para implementar um museu-casa. As memórias das duas famílias que ali viveram – a primeira, Meirelles, da elite cafeeira, e a segunda, de imigrantes italianos que ascenderam economicamente com o cultivo e processamento da cana-de-açúcar – permanecem latentes da preservada edificação de 1925 ao mobiliário, objetos e fotografias nela contidos.

O caminho interpretativo para transformação da casa em museu-casa foi iniciado pelo mapeamento e inventário de todo mobiliário e conjunto de objetos. O processo continuou com a proposição da primeira curadoria, desenvolvendo a ideia “Uma casa no interior paulista”, acompanhado do trabalho de pesquisa documental e de relatos orais.

Esse projeto tem como meta ofertar discussões constantes sobre a cultura italiana e as histórias dos descendentes, sobre o morar, o trabalho e os espaços urbano e rural.

Eliana Torres Ferreira Leite

Graduada como cirurgiã-dentista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, vem se especializando na área de museus por meio dos cursos de capacitação do Sistema Estadual de Museus – Sisem-SP e da Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari – Acam Portinari, ciclos I e II, realizados entre 2012 e 2014, e do Curso de Formação Profissional para Museus-Casas Históricas no Brasil, realizado em 2015, promovido pelo Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas do Conselho Internacional de Museus – DemHist-Icom, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo. Proprietária da Fazenda São Francisco, atua, desde 1969, no programa de requalificação da casa histórica, a partir da preservação dos bens culturais, da implantação da Sala de Memórias, do Museu Armando Vianna, da Biblioteca Comunitária e de ações pedagógicas.

Uma casa histórica de 1813

Fazenda São Francisco. Sesmarias e ciclos econômicos. A herança: conscientização de preservar. Recuperação de pastos; formação de pomares; reflorestamentos; reservas. Sala de Memórias; preservação de bens materiais; memória da casa histórica; acesso democrático: comunidade e turistas. Associações turísticas: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae 2008 (Sala de Memórias revisitada; atividades museológicas; exposições itinerantes); prefeitura (projetos acadêmicos; maior confiabilidade); editais do Ministério da Cultura – MinC (Pontos de Memória 11; economia criativa; modernização de museus – microprojetos); distinção cultural “Paulo Camilher Florençano”, Instituto de Estudos Valeparaibanos – IEV; edital Programa de Ação Cultural – ProAC 25/2013; edital SOS Mata Atlântica – Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN; projetos e aporte financeiro – Grupo CGG (Museu Armando Vianna; Biblioteca Comunitária Fazenda São Francisco).

Silvia Czapski

Formada em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP, é detentora de nove prêmios jornalísticos e autora da biografia “Dr. Juljan Czapski – O cavaleiro da saúde” (Novo Século, 2011, com André Medici). Foi responsável por divulgação, publicações e eventos da Associação Ituana de Proteção Ambiental – Aipa e é membro da Academia Ituana de Letras – Acadil. Pesquisadora da trajetória de Alice Brill nas artes plásticas no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo – PGEHA-USP, atua com gestão cultural em artes visuais (textos, produção, curadorias).

Museu-casa em refúgio familiar de dois protagonistas da história (século XX): uma proposta

Nascido na Polônia, em uma fazenda pertencente à família por mais de um século, dr. Juljan Czapski (1925-2010) viveu uma saga de dois anos

até chegar ao Brasil em 1941. Aqui, superou típicas dificuldades dos imigrantes. Calouro em Medicina, casou-se com Alice Brill (1920-2013), de quem era assistente de fotografia, em 1949, ano de sua naturalização brasileira. Protagonista na área da saúde, foi idealizador da medicina de grupo no país. No campo ambiental, fundou e presidiu a Associação Ituana de Proteção Ambiental – Aipa.

Filha do pintor e viajante Erich Brill e da escritora e jornalista Marte Leiser Brill, Alice deixou a Alemanha devido à ascensão do nazismo, aportando no Brasil em 1934, aos 13. Do pai, herdou o sonho das artes plásticas, que começou a se viabilizar quando, trabalhando na livraria Guataparará, conheceu Paulo Rossi Osir, que a introduziu ao Grupo Santa Helena. Também fotógrafa (anos 1950), filósofa, escritora e crítica de arte, manteve por 50 anos um ateliê na Fazenda São Miguel, refúgio da família de fins de semana e sede da Aipa. Lá, ela pintava, escrevia e concebia oficinas de ecoarte da ONG e aulas de arte para o centro universitário local.

A 75 quilômetros de São Paulo, a fazenda conserva o escritório de dr. Julian, onde ocorriam assembleias da Aipa, o ateliê de Brill e paisagens que a inspiraram, além de documentos e objetos importantes para a criação de um museu-casa, que poderá explorar o entorno, palco de ações do casal.

Celso Lafer

Graduado (1964) pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP e mestre (1967) e doutor (1970) em Ciência Política pela Cornell University (Estados Unidos). Professor emérito da USP e de seu Instituto de Relações Internacionais, foi, até sua aposentadoria, em 2011, professor titular do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da instituição, lecionando Direito Internacional Público (1977) e Filosofia do Direito (1988). É doutor *honoris causa* das universidades de Buenos Aires, Córdoba, Três de Febrero, Jean Moulin Lyon 3, Haifa e Birmingham. Foi ministro das Relações Exteriores (1992 e 2001-2002) e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (1999); embai-

xador, chefe da Missão Permanente do Brasil junto às Nações Unidas e à Organização Mundial do Comércio – OMC em Genebra (1995-1998), na qual foi presidente do Órgão de Solução de Controvérsias e do Conselho Geral. É membro da Academia Brasileira de Ciências, desde 2004; da Academia Brasileira de Letras, desde 2006; e da Academia Paulista de Letras, desde 2015. De 2007 a 2011, foi vice-presidente do Conselho de Administração da Associação Pinacoteca Arte e Cultura de São Paulo, integrando seu Conselho Consultivo a partir de 2012; e, de 2007 a 2015, presidiu a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp. Membro do Conselho de Administração da Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp de 2005 a 2011, atualmente integra seu Conselho de Orientação. Preside o Conselho do Museu Lasar Segall.

MINICURRÍCULOS DOS PALESTRANTES E RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES

20
setembro
Casa Guilherme
de Almeida

Marcelo Tápia

Graduado em Letras e doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo – USP. Professor, poeta e ensaísta, com diversos livros e artigos publicados. Diretor do museu biográfico e literário Casa Guilherme de Almeida – Centro de Estudos de Tradução Literária desde 2009, dedica-se também a estudos sobre museus-casas e suas relações com a preservação da memória e a produção de conhecimento. Organizador do Encontro de Museus-Casas Literários, cuja primeira edição ocorreu em julho de 2016.

A construção da identidade em museus-casas literários

A palestra tratará brevemente do processo de construção de identidade em casas dedicadas a personalidades literárias em São Paulo: a Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, a Casa Guilherme de Almeida e, também, a Casa Mário de Andrade, cuja concepção museológica encontra-se em desenvolvimento. Os modos como são desenvolvidas as atividades de visitação nas casas e seu papel na definição de suas identidades também serão abordados na apresentação.

Angelica Fabbri

Museóloga com pós-graduação em Museologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP e especialista em Arte-Educação e Museu pela Escola de Comunicações e Artes da Universida-

de de São Paulo – ECA-USP, com MBA em Gestão de Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas – FGV. Membro do Conselho Internacional de Museus – Icom desde 1986, filiada ao Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas – DemHist. Diretora executiva da Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari – Acam Portinari – Organização Social de Cultura, parceira da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo na gestão do Museu Casa de Portinari. Diretora do Museu Casa de Portinari desde 1984. Autora do livro “Contando a arte de Portinari” (Noovha América, 2004).

Museu Casa de Portinari – Caro visitante, bem-vindo! A casa é sua!

O Museu Casa de Portinari tem a centralidade de suas ações nas pessoas e nas possíveis relações a serem construídas, e, no caso específico da visita, nas experiências estética, sensorial, afetiva e educativa no encontro com o museu.

Nessa perspectiva, um grande desafio se impõe, qual seja o que o museu pode fazer para que esse encontro seja prazeroso, informativo, que desperte o interesse, a curiosidade, o entendimento e a apropriação, e que seja enriquecedor de alguma forma ao visitante para que ele seja tocado, para que ocorra o seu encantamento. Há que se chegar ao coração do visitante para que ele sinta que, de alguma forma, a sua vinda tenha valido a pena para si próprio e para sua família e seus amigos, se estiver acompanhado.

E, em seus tantos propósitos de caminhar em direção a seu visitante, a Casa de Portinari poderá ou não ser bem-sucedida, já que muitos fatores compõem a visita, mas, certamente, deverá seguir tentando.

Jurema Seckler

Museóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, com especialização pelo Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais – Cecor da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Minas Gerais

- EBA-UFMG. Ingressou como museóloga no Museu Casa de Rui Barbosa
- MCRB em 1975, participando dos diversos projetos da Fundação Casa de Rui Barbosa - FCRB desde então. Atualmente, além de diretora da instituição, é orientadora de bolsas de pesquisa na área museológica e professora no curso MBA de Gestão de Museus da Universidade Candido Mendes - Ucam do Rio de Janeiro.

Experiências de visitação

Os museus se tornaram fen menos de grande vínculo social. Como espaços "abertos", vêm atraindo públicos diversificados, exigindo de seus profissionais capacita o e criatividade para seduzi-los e mantê-los.

No Rio de Janeiro, que acaba de realizar um dos eventos mais importantes de toda sua história, pudemos assistir como os museus exerceram forte apelo nos visitantes, em uma cidade com inúmeros equipamentos turísticos.

O Museu Casa de Rui Barbosa - MCRB, ciente da importância de sua inser o no circuito turístico local, ofereceu, em 2014, dentro do programa de pesquisa da Funda o Casa de Rui Barbosa - FCRB, bolsas na área de turismo, reunindo turism logos que realizaram, durante dois anos e meio, pesquisas teóricas e de público para embasar programas de hospitalidade e visita o, considerando, em especial, sua especificidade como museu-casa.

Foram eles, os turism logos, que ajudaram a criar novas experiências de visita o para manter o vínculo com o público quando foi preciso fechar jardim e museu para ampla restaura o. "Museu aberto para obras" e "Museu às escuras - Observando os detalhes" são exemplos de estratégias criadas para manter o público informado e parceiro em um momento tão delicado.

Margot Monteiro

Arquiteta pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, onde também frequentou a Escola das Belas-Artes. Membro efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico do Estado de Pernambuco – IAHGP, foi presidente da Sociedade do Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães – Mamam, diretora do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco – MAC-PE e membro do Conselho de Cultura da Cidade do Recife e do Conselho Curador da Galeria Metropolitana de Arte Aloisio Magalhães. Diretora gestora do Museu do Estado de Pernambuco – Mepe, com inúmeros trabalhos de reestruturação e adequação do espaço museológico para alinhamento técnico com as políticas públicas para museus e os eixos e diretrizes estratégicas do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram.

Um palacete do século XIX – Ontem e hoje

O Museu do Estado de Pernambuco – Mepe atualmente se destaca como uma das principais instituições públicas na preservação e divulgação da cultura no estado.

Nesta apresentação, serão abordados os caminhos de sua história e da transformação da atual museografia, recriada por meio da utilização de seu acervo, buscando destacar a memória da grande influência europeia na formação cultural dos brasileiros. Além da ampliação do olhar estético e conhecimento, com essa nova mostra, os visitantes podem estabelecer comparações e formar nova compreensão e valorização das heranças da época.

Kristina Michahelles

Jornalista, ex-correspondente em Berlim, roteirista e tradutora literária. Traduziu 35 livros do alemão para o português. Edita e coordena os textos para o site www.casastefanzweig.org. Desde 2010, integra a diretoria da associação sem fins lucrativos Casa Stefan Zweig.

A Casa Stefan Zweig

Inaugurada em julho de 2012, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, a Casa Stefan Zweig já é um caso de sucesso plenamente inserido no roteiro turístico e cultural da cidade serrana, atraindo um número crescente de visitantes brasileiros e estrangeiros. Além de lembrar o escritor mais importante que se refugiou no Brasil durante o nazismo, o pequeno museu também é um Memorial do Exílio em homenagem a centenas de outros refugiados que vieram para o país de 1933 a 1945 e produz conteúdo em forma de livros, exposições, seminários, filmes e uma série para a televisão.

MINICURRÍCULOS DOS PALESTRANTES E RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES

21
setembro
Palácio dos
Bandeirantes

Ana Cristina Carvalho

Mestra e doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP, especialista em História da Arte Decorativa pela Christie's Education de Nova Iorque e em Gestão Cultural e Turismo pela Universitat de Barcelona – UB. É curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo; vice-presidente do Comitê Internacional para Museus-Casas Históricas do Conselho Internacional de Museus – DemHist-Icom; e membro do Conselho Consultivo do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus – Icom-BR. Desde 2007, organiza o Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas e Casas Históricas.

Museus-casas históricas – Entre o velho e o novo

Espaços indispensáveis para contar histórias de vida das sociedades, os museus-casas históricas podem compartilhar a memória e a identidade individual de seus personagens e acervos com identidades coletivas e experiências das comunidades, por terem uma linguagem comum a todos: os diversos modos de morar, que, apesar de distintos, trazem o reconhecimento da dimensão humana, rompendo barreiras culturais, geográficas e temporais.

Nessa perspectiva, são apresentados os Palácios do Governo do Estado de São Paulo como espelhos de memórias individuais e coletivas e os desafios das formas de interpretação dessas memórias em relação a seu legado e percepção pelo público.

Davidson Panis Kaseker

Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP (1983), com especialização em Administração de Empresas pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP (2000) e em Turismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) – UFSC e mestrado em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo – PPGMUS-USP (2014). Desde 2013, é diretor do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo – Sisem-SP e integra o Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC.

O Museu Tonico e Tinoco e os desafios da rede paulista de museus-casas

O Museu Tonico e Tinoco constitui exemplo emblemático de caracterização de museu-casa. Além de preservar a memória e o acervo da dupla “coração do Brasil”, também promove o encontro de duas histórias: a da formação do mercado fonográfico que deu origem à música sertaneja e a da experiência coletiva dos migrantes, que formaram a classe operária e as demais camadas sociais no Brasil.

O reconhecimento desse museu-casa é necessário para respondermos com clareza a algumas questões preliminares que dizem respeito às especificidades temáticas que unem os museus dessa tipologia, além de temáticas transversais que os inserem no contexto mais amplo da museologia. Afora a pertinência da inquirição conceitual, trata-se de perscrutar mecanismos e ações voltadas para o fortalecimento de redes temáticas, que configuram uma das metas estratégicas do Sistema Estadual de Museus de São Paulo – Sisem-SP.

João B. M. Pacheco Neto

Engenheiro agrônomo, proprietário da RuralTur Turismo Cultural e Rural e sócio-gerente da Chácara do Rosário. Ex-presidente da Associação das Fazendas Históricas Paulistas. Participou da fundação de várias entidades de preservação do patrimônio histórico e fomento ao turismo. Desenvolve atividades de turismo cultural e rural em propriedades históricas há 17 anos e preside a Câmara Setorial de Lazer e Turismo da Secretária de Agricultura de São Paulo.

Museu-casa histórica como guardião da memória e testemunho de trajetórias

O papel do museu-casa histórica é muito mais importante do que a maioria das pessoas percebe, pois guarda a memória de nossas raízes culturais e dá pistas e explicações sobre atitudes e modos de agir de nossa sociedade atual. Essas memórias estão em construções, móveis, fotografias, documentos e objetos que, se desaparecem, deixarão lacunas no entendimento de aspectos significativos de nossa história.

Cada um desses locais fornece um testemunho diferente dos costumes e trajetórias de vida das pessoas que ali passaram, permitindo entender um passado que percebamos ou que não tem influência no nosso presente e também no futuro. Além dos exemplos de museus-casas históricas mostrados neste encontro, podemos citar vários outros, como a Chácara do Rosário e o Espaço Memória da Fazenda Capoava, ambos em Itu, e a Fazenda Pinhal, em São Carlos.

Magaly Cabral

Pedagoga pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Notre Dame, museóloga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio e mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, com especialização em Educação em Museus. Membro do Comitê Internacional para Educação e Ação Cultural do Conselho

Internacional de Museus – Ceca-Icom. Diretora do Museu da República e do Palácio Rio Negro, ambos vinculados ao Instituto Brasileiro de Museus – Ibram.

O Olimpo é aqui – Memórias e heranças culturais no Museu da República

Na casa vive o homem. Ele a vive, e ela é vivida por ele. Relações e valores humanos são vivenciados, e a casa os adquire. Dessa forma, podemos dizer que a casa reflete a sociedade que a produz. As necessidades sociais e culturais vão determinar o processo de construção de uma casa.

Se uma casa é transformada em museu, um campo de estudo fica determinado. Passa a ser um campo de memória, e também um campo de consagração. E um campo de poder.

A criação do museu-casa como um bem patrimonial implica, portanto, em uma estratégia de objetivação da memória e, conseqüentemente, do lugar simbólico no qual uma personalidade significativa para um grupo social viveu. Assim, suscetível de reflexividade cultural.

Nestes tempos de Olimpíadas e Paraolimpíadas, em que o Rio de Janeiro se transformou na morada dos deuses olímpicos, desejamos refletir sobre as memórias e heranças culturais deixadas pelo primeiro ocupante e autor do prédio que abriga o Museu da República, o barão de Nova Friburgo, com a exposição “O Olimpo é aqui”.

Maurício Vicente Ferreira Jr.

Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984) e mestre em Museologia pela State University of New York. Membro do Conselho Internacional de Museus – Icom, da Academia Petropolitana de Educação, da Comissão de Arte Sacra e Liturgia da Diocese de Petrópolis, do Conselho do Museu Paulista da Universidade de São Paulo – MP-USP; sócio do Instituto Histórico de Petrópolis – IHP e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB; e presidente do Comitê Brasileiro do Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – MoWBrasil-Unesco. É diretor do Museu Imperial/Ibram/MinC e professor de História da Universidade Católica de Petrópolis – UCP.

Entre a memória do regime monárquico brasileiro e da ambiência da casa do imperador dom Pedro II

O Museu Imperial comemora 73 anos de sua inauguração consolidando a posição de referência nacional para o estudo do período monárquico brasileiro e da cidade de Petrópolis. Essa dupla representatividade é fruto de sua própria gênese e da história da edificação que o abriga na relação com a cidade. Alcindo de Azevedo Sodré, ex-aluno do educandário que ocupou o Palácio Imperial de Petrópolis entre 1909 e 1939, o Colégio São Vicente de Paulo, foi um político e intelectual que sonhava, desde criança, transformar a residência favorita de dom Pedro II em um museu dedicado à memória do imperador. Perseverante, encontrou na estrutura do governo estado-novista do presidente Getúlio Vargas as condições necessárias para a concretização de seu projeto de vida. No entanto, o ideário de Estado do governo Vargas visava construir valores identitários para a nação, e o projeto de Sodré sofreu alterações. Assim, o conceito de sede da vilegiatura imperial precisou conviver com o de museu de história. E a dualidade própria à criação da instituição orientou a formação de seu acervo e, conseqüentemente, a organização do circuito de exposição permanente. Desde sua abertura, portanto, o Museu Imperial é uma casa histórica e um museu de história, simultaneamente.

Lidia Goldenstein

Formada pela Universidade de São Paulo – USP e doutora pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Foi professora da Unicamp, pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – Cebrap e comentarista econômica das emissoras de televisão Cultura e Manchete. Exerceu o cargo de assessora econômica da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES e das secretarias de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro. Além de inúmeros artigos e pesquisas sobre questões político-econômicas, é autora do livro “Repensando a dependência” (1994). É membro do Conselho da Desenvolve SP – Agência de Desenvolvimento Paulista, do Conselho Deliberativo do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, do Conselho Superior de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – Coscex-Fiesp e da Artesanato Solidário – ArteSol. Dedicar-se a pesquisas e projetos na área de economia criativa no Brasil e no exterior. Atualmente, é sócia-diretora da LGoldenstein Consultoria e diretora da Fundação Bial.



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Geraldo Alckmin
Governador

Saulo de Castro Abreu Filho
Secretário de Estado de Governo

Moacir Rossetti
Secretário Adjunto de Governo

João Germano Böttcher Filho
Chefe de Gabinete de Governo

Ana Cristina Carvalho
Curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo